

Ano 4, Vol. IV, Número 2, jul- dez, 2020, p. 219-240.

**A “PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DA APRENDIZAGEM” NO SÉCULO XXI:
PROVOCAÇÕES SOBRE TEMAS INVISIBILIZADOS NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES.**

**THE "PSYCHOLOGY OF EDUCATION AND LEARNING" IN THE XXI
CENTURY: PROVOCATION ABOUT INVISIBLE THEMES IN TEACHER
TRAINING.**

Kássya Christinna Oliveira Rodrigues

RESUMO

Este estudo emerge de reflexões teórico-práticas sobre o ato de ensinar acadêmicos de cursos de formação de professores o componente curricular “Psicologia da Educação e da Aprendizagem” na Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa. Levanta-se como problemática de investigação: que saberes da “Psicologia da Educação e da Aprendizagem” são fundamentais ensinar a acadêmicos em cursos de formação de professores da Ufopa? Refletir sobre temas “invisíveis” na formação de professores via componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação Thiollent (2009), tem como participantes acadêmicos matriculados nos cursos de História e Letras/Santarém e Pedagogia/Campus Óbidos. A pesquisa realizou-se nos anos 2018-2019. Os dados foram produzidos com os acadêmicos nos encontros educativos do referido componente curricular a partir do exercício da problematização e do ato da pergunta de Paulo Freire (2005, 2006), Freire e Faundez (1985). Realizou-se levantamento teórico com autores que discorrem sobre temas invisibilizados na educação básica e formação de professores Oliveira (2003), Buber (2004), Marquete (2011). Alguns temas destacados foram o suicídio, a automutilação, o racismo... Entre os resultados do presente estudo percebeu-se o compromisso social, político e ético dos acadêmicos com os seus processos formativos, bem como com a comunidade escolar; evidenciou-se que o componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem pode catalisar ricas e fecundas discussões sobre temas invisibilizados na Educação Básica.

Palavras-chave: Formação de Professores; Temas invisibilizados; Psicologia da Educação e da Aprendizagem.

ABSTRACT

This study emerged from theoretical-practice reflexions about the act of teaching academics at the course for teachers training by the curricular component of "Psychology of Education and Learning" from the Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa. The problematization raised was: What knowledges of Psychology of Education and Learning are fundamental to teach to the students in the courses of teacher training from Ufopa? To reflect on "invisible" themes in the training of teachers by the curricular component Psychology of Education and Learning. This study is a field research with a qualitative approach, an action-research kind Thiollent (2009), and has as participants the enrolled students in History and Language (from the Campus Santarém) and Pedagogy (from the Campus Óbidos). The research was conducted in the years of 2018-2019. The informations were produced with the academics in the educative meetings of the above-mentioned curriculum component from the exercise of the problematization and the act of question by Paulo Freire (2005, 2006), Freire e Faundez (1985). A theoretical survey was made out of authors that discuss about "invisible" themes in Basic Education and the teacher training Oliveira (2003), Buber (2004), Marquete (2011). Some themes highlighted were suicide, self-mutilation, racism...As result of the present study, the social, political and ethical commitment by the academics with their formative process, as well with the school community was noticed: It became evident that the curricular component Psychology of Education and Learning can catalyze fruitful discussions about "invisible" themes in Basic Education.

Keywords: Teacher training; Invisible themes; Psychology of Education and Learning

Introdução

Este estudo emerge de reflexões teórico-práticas sobre o ato de ensinar acadêmicos, de cursos de formação de professores, o componente curricular a "Psicologia da Educação e da Aprendizagem" na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Levantou-se como problema de investigação: que saberes da "Psicologia da Educação e da Aprendizagem" são fundamentais ensinar a acadêmicos em cursos de formação de professores da Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa? Questão que provocaram profundas inquietações que repercutem na presente pesquisa.

O componente curricular "Psicologia da Educação e da Aprendizagem" apresenta um *corpus* de saberes que tratam de processos de aprendizagens inscritos em algumas abordagens teóricas da psicologia, discorrem sobre algumas etapas do desenvolvimento humano, todavia não tocam questões fundamentais e relacionais que atravessam a escola e que implicam em prejuízos nos processos de aprendizagens pelos alunos que a integram.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Percebeu-se, a partir da ementa dos três cursos representados neste estudo, que o componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem não “sente” a concretude de exclusões vividas por “pessoas” – que estão, mas não estão – no território escolar. Assim identificou-se que os ementários silenciam temas que “gritam” e “sangram” a Escola Básica, bem como não apresentam pistas teórico-práticas sobre esses temas de modo que os acadêmicos matriculados em cursos de formação de professores possam lidar melhor com eles.

Diante do desafio sentido e vivido no campo da formação de professores, o presente estudo objetiva problematizar que saberes inscritos no componente curricular da “Psicologia da Educação e da Aprendizagem” são fundamentais na formação de professores; refletir sobre temas “invisíveis” na formação docente, via componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação Thiollent (2009). Têm como participantes acadêmicos matriculados em diferentes cursos de formação de professores.

Os dados foram produzidos nos encontros educativos do componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem. Suas elaborações deram-se a partir da problematização e do ato da pergunta em Freire e Faundez (1985).

Este artigo organiza-se a partir de reflexões sobre a pergunta e a problematização em Freire (2005, 2006), Oliveira (2003), Brandão (2005). Esmiúçam-se fios metodológicos que permitiram a tessitura do presente estudo seguido de alguns resultados da pesquisa em que são colocados como reflexões as possibilidades de (re)organizações do componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem de modo que, temas que atravessam a vida da escola, possam ser visibilizados, de forma a garantir para a escola e para a formação docente um território teórico-prático que permita a problematização e elaboração de temas que afetam alguns processos de ensino e de aprendizagens vividos na/pela comunidade escolar.

A Pergunta em Freire: contribuições para a Psicologia da Educação e da Aprendizagem

Oliveira (2003) e Brandão (2005) identificam que Freire em sua educação libertadora, levanta questões fundamentais para o campo da educação, trazendo à luz um

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

referencial epistemológico em que esta assume dimensões política, ética, estética, da comunicação, do diálogo, da problematização, da indignação, da esperança ... percebe-se nos escritos deste autor um profundo respeito pelo ser humano, bem como um sentimento de amorosidade.

Paulo Freire (2005, 2006), educador do nordeste brasileiro e do mundo, desenvolve uma educação que se solidariza com a Psicologia Social e da Educação ao engajar seus escritos numa perspectiva da práxis do diálogo que permite o encontro entre mulheres, homens, crianças, adolescentes e idosos ... assim, com sua educação libertadora, convida a escola ao exercício do diálogo, dessa maneira, a Psicologia da Educação sente-se provocada pela epistemologia freireana, colocando-se uma lente para garimpar estudos que estejam em outros territórios epistemológicos e que sejam colaborativos com a psicologia.

Sua busca, ação-reflexão-ação, da *práxis*, na construção por uma sociedade mais justa e igualitária mediada por relações que sejam dialógicas e, por conseguinte, problematizadora, inspira a psicologia a beber em sua fonte teórica atravessada pelo existencialismo, humanismo e sua dialética marxista cristã.

Nos seus escritos Freire e Faundez (1985) Freire (2005, 2006) problematiza que “no ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-na... todo o conhecimento começa pela pergunta... começa pela curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta!” (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p.46) a partir desta citação o autor nos provoca a refletir que o ato de ensinar pressupõe, fundamentalmente, o exercício da pergunta. Outra afirmativa também fundante para Freire (1985) é a de que ensinar implica, necessariamente, em processos de aprendizagens, tanto pelo professor que ensina e aprende ao ensinar, quanto pelo educando que aprende e ensina ao aprender.

Ao professor cabe o desafio e a responsabilidade de desenvolver com os seus educandos um território educativo que permitam relações horizontalizadas em que os sujeitos que constituem a escola aprendam por meio do ato da pergunta, bem como aprendam a perguntar e a pronunciar a pergunta.

O autor questiona a educação bancária, que tem no professor uma figura de centralidade. Daquele que sabe. Que é o único capaz de dizer a palavra. Aquele indivíduo egocêntrico que se compraz em ouvir, unicamente, a sua voz. Que planeja e executa uma

educação que “silencia” e “molda” os corpos presentes diante de si. Aquele que finge permitir aos alunos fazerem a pergunta, quando já têm as respostas dadas *a priori*, prontas (FREIRE, 2005).

Freire destaca que a ato de perguntar não significa fazer da pergunta um jogo retórico, como descrito a seguir:

Insistamos, porém, em que o centro da questão não está em fazer com a pergunta “o que é perguntar?” um jogo intelectual, mas viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, testemunhá-la ao estudante... Ir criando o hábito, como virtude, de perguntar, de “espantar-se” (FREIRE, 1985, p.48).

Dessa forma, o autor nos instiga a tomar a pergunta como procedimento real de ensino que se configura, num cenário educativo de aprendizagens. Freire toma a pergunta como princípio do conhecimento e chama a atenção para a escola e/ou para as práticas de educação reconhecerem isso. O ato de perguntar como constitutiva de processos de aprendizagens, desse modo, pela pergunta, o educando se organiza internamente.

Mesmo quando a pergunta, para ele (o educador), possa parecer, ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é o de ajudá-lo a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo, a melhor pergunta (FREIRE, 1985, p.48).

Neste sentido, ensinar e aprender constituem um “jogo” em que perguntas e respostas se fazem provisórias, e neste, o educando vai se deparando com perguntas/questões que sejam essenciais/fundamentais. O educando aprende a problematizar melhor, a se organizar melhor.

O educando compreende que, pelo ato de perguntar, é um sujeito histórico que existe no tempo “Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 2006, p. 49), entende ainda que habita um lugar complexo chamado cotidiano (HELLER, 2004), e que neste há um conjunto de forças que “forjam”, “nomeiam”, “rotulam” e que podem imprimir sofrimentos a outrem...

Bock, Furtado e Teixeira (2001) refletem sobre a complexidade que é objeto de estudo da Psicologia, o ser humano, seus comportamentos, sentimentos, experiências e

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

vivências. O humano que nasce em um núcleo familiar contextualizado numa determinada cultura, em que múltiplas interações se desenvolvem, considerando-se muitas das vezes que a qualidade destas não são as mais favoráveis para a organização psíquica deste ser, de modo que ele possa se afirmar como pessoa integral, que tem desejos, em que possa manifestar e gozar de sua orientação sexual, de sua religiosidade, de suas capacidades, de suas maneiras de pensar. Enfim, que possa usufruir das máximas capacidades que o mundo da cultura, por conseguinte a escola, possam lhe proporcionar.

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidades, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos de outra esfera animal (FREIRE, 2006, p. 47).

É neste contexto que a Psicologia da Educação e da Aprendizagem pode beber na “Pedagogia da Liberdade ou da Criação deve ser eminentemente arriscada. Deve ousar-se ao risco, deve provocar-se o risco, como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente” (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p.52), assim a Psicologia pode e deve tomar referenciais epistemológicos que trazem à luz esse ser humano que vive em contexto.

Fios metodológicos

Quando se adotou nesta pesquisa um estudo de abordagem qualitativa, considerou-se que apenas por meio dela se poderia alcançar questões que envolvesse a subjetividade humana. Segundo Flick:

A relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida. Expressões-chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida (HRADIL *apud* FLICK, 2004, p. 17).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

O autor discorre ainda que “a postura inicial do cientista social e do psicólogo quase sempre carece de familiaridade com o que de fato ocorre na esfera da vida que ele se propõe estudar” (BLUMER, 1969 *apud* FLICK, 2004, p. 18), dessa maneira o presente estudo envida esforços em, por um lado, compreender o que o componente curricular de Psicologia da Educação e da Aprendizagem aponta como processos de educação e ensino-aprendizagem e, por outro, identificar o que a escola “real”, o que o “chão da escola” anuncia e demanda o que sejam àqueles processos.

Mediante estes fatos, adota-se no presente estudo o tipo pesquisa-ação fundamentando-se em Thiollent (2009). Este autor desafia o pesquisador e os participantes da pesquisa a construir um projeto coletivamente, passo a passo, trazendo à cena as situações mais intrigantes do contexto social e que necessitem de intervenções.

A pesquisa-ação, pesquisa e ao mesmo tempo ação, permite ao pesquisador e aos participantes interferir qualitativamente no meio que está sendo investigado, bem como refletir sobre essas intervenções, à medida que, as ações vão sendo desenroladas, que os “fios vão sendo tecidos”, analogia ao artesanato que vai produzindo o pano de crochê, a cesta de miriti ou a rede de pesca...

A pesquisa desenvolveu-se nos anos 2018-2019 e teve como participantes acadêmicos de três turmas de graduação da Ufopa, duas do campus de Santarém, História (noturno) e Letras (vespertino) e outra do campus de Óbidos, Pedagogia (vespertino).

Em cada turma houve o período de seis meses para a realização da pesquisa que fora atravessada pelo ensino e se configurou em práticas de extensão. A docente que ministrou o componente curricular “Psicologia da Educação e da Aprendizagem” compartilhou o seu plano de ensino com os acadêmicos de cada turma. Juntos, a docente e os acadêmicos, levantaram algumas questões sobre que conteúdos estavam presente no referido plano.

A partir deste exercício, puderam perceber que alguns problemas vividos na escola básica não estavam contemplados no componente curricular de psicologia e que estes potencialmente implicam e afetam em situações de aprendizagens pelos educandos na escola. Os acadêmicos perceberam ainda que estes temas/problemas não estavam presente no componente curricular por serem temas “intencionalmente silenciados” no contexto da sociedade e, por conseguinte, da escola. Esta intencionalidade se justifica por

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

se tratar de uma nação que sofreu processo de colonização, por ser um país capitalista e patriarcal (SANTOS, 2019). Assim, vive e respira uma racionalidade científica moderna, ancorada em processos de exclusões e privilégios de cor.

A docente fora problematizando com os acadêmicos essas questões, à medida que ia desenvolvendo o componente curricular. Os encontros educativos eram conduzidos por meio de reflexões que foram sendo sistematizadas pelo ato da pergunta e da problematização de Freire (2006).

Identificaram-se os temas que não estavam presentes no componente curricular, mas que estavam no cotidiano da escola e que são afins ao componente, desse modo, temas como automutilação, suicídio, o racismo praticados contra populações quilombolas, negras e indígenas, álcool e outras drogas, diversidade sexual e de gênero, gravidez na adolescência, inclusão de pessoas público da educação especial na escola, transtornos alimentares, emergiram... Um novo desafio fora colocado aos participantes da pesquisa, o que fazer com esses temas/problemas?

Os acadêmicos dos três cursos foram provocados a se organizar em pequenos grupos e a construir projetos de investigação que trouxessem aos temas/problemas levantados nas discussões de sala de aula e vividos no cotidiano da escola pública diferentes formas de estudo e intervenções.

A docente conduziu, sob orientação coletiva, a produção dos acadêmicos que, em seus grupos, organizavam os seus problemas de investigação, desta forma, a sistemática foi viabilizada pelo ato de perguntar. Interessante perceber que quando um grupo pronunciava a pergunta/problema, que havia formulado, os demais colaboravam para deixá-la melhor elaborada. Desse modo, fora construída a pesquisa-ação, a partir da produção coletiva e de intervenções dos múltiplos participantes da pesquisa na produção, elaboração e execução dos projetos que foram dialogados e articulados previamente com instituições escolares da rede pública municipal e/ou estadual.

Entre as atividades desenvolvidas pelos acadêmicos, houve organização dos mesmos em pequenos grupos para o levantamento de estudo bibliográfico das temáticas evidenciadas. Cada equipe de trabalho, das três referidas turmas, responsabilizou-se por estudar e sistematizar um tema/problema. Assim, realizou-se o levantamento de referenciais teóricos que compreendessem o ser humano, a partir de sua capacidade de se

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

humanizar, de problematizar, de dialogar, de cuidar, de tratar com as diferenças e a diversidade, de problematizar as formas de exclusões e do racismo, de trazer a teoria das representações sociais para ler e compreender como o ser humano pode ser categorizado... Entre os autores destacados neste estudo levantam-se Freire (2005, 2006), Freire e Faundez (1985), Boff (2004), Buber (2004), Marquetti (2011), Fukumitsu (2012), Carone e Bento (2019), entre outros.

Teixeira e Oliveira (2010) apontam para a necessidade do pesquisador ter o cuidado com as questões éticas em pesquisas que envolvem seres humanos, dessa maneira o presente estudo apropria-se da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

O contexto da escola e a Psicologia da Educação e da Aprendizagem

Fontana e Cruz (1997) assinalam em seus escritos que a escola é um lugar vivo, em que múltiplas interações e relações acontecem a todo tempo, concomitantemente. Nela, processos de ensino e de aprendizagens sistematizados são veiculados, bem como outros saberes e práticas como os do senso comum, tradições culturais e religiosas, permeiam o território escolar.

A escola agrega uma diversidade de pessoas inimagináveis, com diferentes processos de educação familiar, condições socioeconômicas e tradições culturais, com referenciais morais, ético e estéticos, os mais variados. Nela, a escola, são atravessadas, histórias de vida as mais distintas, algumas regadas a profundo acolhimento familiar, outras marcadas por superproteção e aquelas seladas por abruptas condições de segregações e de negligências.

A escola é constituída por uma comunidade em que professores/as, aluno/as, gestão, pessoal da secretaria e do apoio, vigilante, porteiro, familiares e da comunidade que está ao seu derredor são fundamentais para o seu funcionamento, de modo a garantir múltiplas interações e processos de ensino e aprendizagens.

Vale destacar que esta instituição está localizada num determinado território, que pode ser periférico, central, do campo, indígena, hospitalar... outras instituições se avizinham à ela como o Conselho Tutelar, o Centro de Referência de Assistência Social, a Unidade de Pronto Atendimento, o Posto de Saúde Básica, a delegacia, a padaria, o bar, a praça, o boteco, uma comunidade...

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Neste contexto tão complexo são sobrepostos uma diversidade de saberes, pensares, vivências, experiências algumas vezes antagônicas. Neste lugar chamado escola, pessoas são nomeadas, classificadas, rotuladas. O menino pobre, lavador de carro no contraturno, que realiza trabalho infantil, pode ser chamado de incompetente “ele dorme na sala de aula!”... a menina de onze anos, grávida, fora advertida por vestir roupa inadequada... a criança com deficiência é sinônimo de incapacidade “não vai conseguir acompanhar”, a criança negra tem cabelo de “bombril” e não “aprende”, o adolescente do fundão “não quer saber de nada. É preguiçoso!” e aquele que questiona a “autoridade”/autoritarismo de um adulto é “petulante”. A jovem que vem sem o sapato preto é mandada de volta pra casa, pois “precisa estar de uniforme completo” infelizmente, na maioria das vezes, não vai pra casa, mas para a praça. O álcool e outras drogas podem fazer precoce companhia a muitos sujeitos que compõem a Escola Básica. A menina ou o menino “bem comportados” são os primeiros da turma. Os estudantes que emitem respostas prontas, *a priori*, são aqueles que chegam aos quadros de honra... neste contexto emaranhado de situações e de tantas outras é que situamos nossas reflexões.

Diante dessa complexidade de situações, percebe-se que os profissionais da educação (professores e demais profissionais que atuam na escola) não sabem lidar com alguns “casos” como descritos no parágrafo anterior. Todavia, arrisco afirmar que muitos desses profissionais passaram por um processo formativo de nível superior que lhes conferiu capacidades para atuar com a educação de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos na Educação Básica.

Formação que deixou lacunas imprescindíveis na vida profissional desses docentes e profissionais, assim essa questão se volta como problematização para a universidade como agência de formação de professores, bem como para o componente curricular “Psicologia da Educação e da Aprendizagem” que precisa ser retirado de sua zona de conforto para se colocar o desafio de refletir sobre que saberes estão sendo desenvolvidos neste componente curricular, bem como quais saberes estão sendo, intencionalmente, invisibilizados e que precisam assumir a cena para que haja a possibilidade de outras relações mais humanizadas no contexto social da escola e da sociedade.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Neste sentido o componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem além de tratar questões que envolvem algumas abordagens teóricas da Psicologia, de abordar conteúdos que tratam sobre as etapas do desenvolvimento humano, bem como os que lançam pistas sobre como a pessoa aprende, precisa fundamentalmente se situar no tempo espaço da escola contemporânea. O desenrolar do processo formativo de professores em nível superior implica numa relação próxima e recíproca da Universidade com a Educação Básica.

Desse modo, a universidade precisa ver, conviver e sentir escola real, identificar que situações de educação, relacionais e de aprendizagens esta vive para poder propor reflexões teórico-práticas bem como a seleção de saberes que sejam necessários para um melhor arranjo da Escola que compõem a Educação Básica nos seus diferentes níveis e modalidades de ensino.

O suicídio da invisibilidade à discussões na formação de professores

Nesta seção são destacadas como os acadêmicos que compõem as três turmas que integram o presente estudo organizaram atividades de intervenções sociais, dialogando e problematizando sobre temas, até então invisíveis no componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem.

A turma de Pedagogia/Vespertino campus de Óbidos organizou-se com o estudo dos temas que julgaram silenciados no componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem. Entre estes destacaram-se: “bullying”; transtornos alimentares”; “automutilação”; “racismo”; “inclusão” e “suicídio”.

As turmas de História/noturno e Letras/vespertino, do campus Santarém, elegeram como temas de investigação: “bullying”; “dependência tecnológica”; “automutilação”; “racismo”; “gravidez na adolescência”, “Inclusões”, “álcool e outras drogas”, “suicídio”. Vale destacar que a turma de História discutiu o tema “gravidez na adolescência” com adolescentes do sexo masculino e a turma de Letras com adolescentes do sexo feminino. Bem como, não realizaram o estudo sobre a dependência tecnológica.

Diante das temáticas levantadas e problematizadas nos encontros educativos do componente curricular de Psicologia da Educação e da Aprendizagem os acadêmicos

perceberam que todos os temas discutidos convergiam para uma situação comum a saber: o sofrimento humano.

Compreenderam que uma pessoa que está na escola, seja ela criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso, que passa por situações de agressões, como o bullying, o racismo, a violência sexual ou exclusões de qualquer natureza... sofre. Sofrimentos são sentimentos produzidos nas relações sociais cotidianas da vida escolar e do contexto da sociedade mais ampla... que podem imprimir nestes sujeitos dificuldades nos seus processos de aprendizagens visto ser um fenômeno que se dá no campo intersíquico e intrapsíquico (VIGOTSKI, 1996).

A identificação, pela escola, de determinadas situações que desencadeiam tais sofrimentos são necessárias, mas para além dela há que se organizar ações sistemáticas em que essas questões sejam dialogadas, problematizadas e mesmo superadas, entendendo-se aqui que a superação pressupõe um contínuo de ações intencionalmente elaboradas pela comunidade escolar que permitam tratar sobre estes temas de modo que a comunidade tenha tomadas de consciência cada vez mais qualitativas.

Desse modo, “superar” o tema não pressupõem o encerramento dele numa determinada discussão, mas esmiuçá-lo, digeri-lo sistematicamente de modo a ganhar contornos de profundidade. Esta atitude representa uma postura ética e política da escola com a sua comunidade visto que, desvela situações problemas que atravessam o seu cotidiano. Em muitas situações, a escola precisará buscar diferentes estratégias para abordar os problemas que a aflige. Trabalhando-os de forma continuada, em ações que perpassam os muros, a comunidade, o modo de pensar. Este talvez seja o mais desafiante, uma vez que se precisará buscar no tempo uma adequação imediata para o sofrimento latente e ao mesmo tempo pulsante.

Neste contexto, problematiza-se também, a universidade como agência de formação de professores (inicial e continuada). Esta precisa se rever para garantir processos formativos que se aproximem ao máximo possível da realidade da escola, Educação Básica, sensibilizando-se com esta e provocando processos de formação que sejam colaborativos na/em busca de resoluções de problemas que possam causar prejuízos psíquicos e por conseguinte de ensino e de aprendizagens.

Freire (2006) assinala que o ser humano é ser de relações e não apenas de contato, o autor destaca ainda as capacidades que este apresenta para ler, objetivamente, uma dada realidade, problematizá-la e transformá-la, assim:

Para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura a realidade, que o faz ser o ente de relações que é (p. 47).

Dessa maneira, sabendo-se ser de relações, que se arriscam não apenas estar no mundo, mas com o mundo é que os acadêmicos das três turmas envidaram esforços intelectuais e práticos no estudo dos temas que não estavam presente no componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem, mas que são “vivos” e provocam sofrimentos àqueles que respiram no “chão da escola”, bem como no contexto mais amplo da sociedade.

Coletivamente, os acadêmicos deliberaram sobre o estudo sistemático dos temas, o compartilhamento nas suas respectivas turmas a partir de apresentações orais como forma de “ensaios” do exercício docente com os seus pares, colegas de formação e docente do componente curricular. Este momento fora bastante rico e significativo por possibilitar intervenções propositivas dos demais acadêmicos e orientações da docente, à medida que cada equipe expunha sua temática.

Após esses momentos de identificação de temas, problematizações, estudos sistemáticos e possibilidades de formas de intervenções, as equipes puderam fazer da pesquisa e do ensino, ações de extensão, transpondo os muros da universidade para dialogar com a escola pública sobre os estudos realizados.

Os participantes da pesquisa-ação, acadêmicos das três turmas, identificaram que o tema do suicídio fora catalizador dos demais. Discorreram que os sofrimentos que atravessam o ser humano na escola, por meio dos racismos indígena, negro e quilombola, as situações de agressões materializadas pelo bullying, o tolhimento da vivência da sexualidade para além da referência heteronormativa, o cerceamento da liberdade de expressão religiosa a partir de religiões de matrizes africanas e afro-brasileira, a existência (in)completa da pessoa com deficiência, a violência sexual contra crianças e adolescentes,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

entre outras situações vividas na escola, podem desaguar em situações de sofrimentos extremo que levem pessoas à práticas da autoagressão, podendo culminar no suicídio.

Em todas as situações de agressões descritas acima se percebe um fenômeno relacional intersubjetivo prejudicado, objetivado e materializado na relação que Buber (2004) anunciou palavra princípio “Eu-Isso”. Esta condição relacional coloca o interlocutor do “Eu” como objeto, não ser humano; em virtude da reciprocidade relacional o “Eu” torna-se, também, coisa diante de seu interlocutor “Isso”.

Todavia, o autor propõe outra possibilidade relacional com estruturas qualitativas, o que nomeia de palavra princípio “Eu-Tu”. Esta relação toma como referencialização de ser pessoa humana tanto o “Eu” quanto o “Tu” que se fazem pessoas dotadas de capacidades uma para a outra. Buber (2004) discorre que a palavra princípio “Eu-Tu” “só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; e me tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro” (BUBER, 2004, p. 59).

Atividades com os temas (in)Visibilizados

A turma de Pedagogia/Vespertino campus de Óbidos responsabilizou-se pela organização de um seminário que envolvesse a comunidade daquele município. Assim, as discussões e suas sistematizações convergiram com a organização do “I Encontro de diálogos de enfrentamento ao suicídio no município de Óbidos”, com o tema “Porque Vidas Humanas importam”, realizado em setembro de 2018. Este seminário emergiu da necessidade de se conversar sobre a temática do suicídio, bem como de se propor alternativas possíveis a pessoas que vivem sofrimentos psíquicos extremos.

Assim, ao trazerem a cena uma discussão central sobre o suicídio, os acadêmicos desta turma, tiveram o cuidado de agregar as outras temáticas desenvolvidas pelos variados grupos da turma no formato de minicursos dentro do seminário. A comunidade do município de Óbidos, tanto da educação como da saúde e demais pessoas interessadas participaram do evento com apreço.

Um dia antes do início do evento os comunitários deste município sofreram a dor da perda de uma adolescente, matriculada em uma escola pública municipal, que na desorganização de seus sentimentos, experiências e vivências imaginou pôr fim ao seu

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

sofrimento por meio do suicídio. Possivelmente esta adolescente anunciou o que sentia, mas não teve a possibilidade de ser compreendida por seus pares, em sua família, escola e comunidade.

Fukumitsu (2012, p. 25) expressa que “o ser humano é afetado por suas relações consigo mesmo, com os outros e com as coisas circundantes”, assim é um ser que está imerso no contexto da sociedade. A autora anuncia que o suicídio pode vir “acompanhado de um desejo inconsciente de matar outra pessoa ou coisa que o incomoda. O indivíduo, no impulso de livrar-se do mal que o perturba, acaba por destruir-se por inteiro” (DIAS, *apud*, FUKUMITSU, 2012, p. 26).

Dessa maneira, as reflexões elaboradas pela autora nos permite compreender a complexidade que é o suicídio, especialmente quando consideramos que nossa sociedade exige do ser humano, a todo tempo comportamentos de felicidade e bem-estar e na recusa de sentimento de tristeza, desorganização e incapacidade. Vivemos numa sociedade que mistifica o suicídio e se coloca muito pouco a dialogar sobre tema que expressa profundo sofrimento humano. Vale destacar ainda a reflexão de que o suicídio representa um fracasso societário.

Os acadêmicos que compõem as turmas de História (noturno) e Letras (vespertino) do campus de Santarém, em sua maioria, retornaram para as escolas em que concluíram o ensino médio e nelas buscaram desenvolver os seus projetos de intervenções. Houve escola que não permitiu o levantamento de dados, especialmente quando o tema tratado referiu-se a automutilação e suicídio o que ratifica a mistificação sobre o tema do suicídio em nossa sociedade (FUKUMITSU, 2012).

Os acadêmicos relataram que alguns gestores disseram não haver, “nas suas escolas”, problemas desta natureza. Assim, identificou-se a negação, por profissionais de algumas escolas, da existência de temas/problemas que causam sofrimentos extremos vividos por pessoas que integram a comunidade escolar, todavia esses acadêmicos afirmaram que retornaram para essas escolas com o objetivo de realizar os seus estudos e intervenções, por saberem existir casos desses sofrimentos naqueles ambientes escolares.

Houve escolas que acolheram mais de um grupo de acadêmicos em sua comunidade. Equipes pedagógicas que reconhecem a existência dos problemas propostos pelos acadêmicos, nas escolas em que trabalham, bem como sua não problematização

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

com a comunidade escolar. A invisibilidade na problematização sobre alguns temas/problemas na escola foram justificadas, por essas equipes pedagógicas sob o argumento de limitações infraestruturais e humanas vividas pela escola pública brasileira, em especial a localizada no interior da região norte, a saber:

- a) escassez de profissionais que compoem a equipe gestora da escola;
- b) dificuldades da escola em organizar um planejamento sistemático e continuado ao longo do ano letivo;
- c) dificuldades da escola em organizar um planejamento de curto, médio e longo prazos para/com a comunidade escolar;
- d) fragilidades na formação contínua em serviço dos profissionais da educação, de modo a tratar temas/problemas que emergem do cotidiano escolar.
- e) a sensação de incapacidade por profissionais da escola em abordar alguns temas/problemas, assim o sentimento de que o professor não foi preparado para isso, foi recorrente neste estudo;
- f) a escola ter profissionais com vínculos exclusivos (o mais possível), desse modo, esses profissionais poderiam se dedicar melhor com a comunidade escolar de referência e estabelecer vínculos afetivos com esta, o que facilitaria a proposição de projetos de intervenções;
- g) a desvalorização da atividade docente com abusivas jornadas de trabalho, da superlotação das turmas, da escassez de materiais pedagógicos, entre outras;

As situações pontuadas acima são evidenciadas em estudos de pesquisadores comprometidos com a escola e educação pública como Paro (2006), Veiga (2002). Elas permitem reflexões profundas que não se esgotam no componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem, mas que trazem à cena a estrutura da formação de professores no Brasil, bem como o desincentivo do Estado com a escola e o trabalho docente. Permitem mergulhos nas reflexões sobre o currículo, planejamento, a precarização docente e do ensino público entre outras questões, não menos importantes, mas que a presente investigação não objetiva averiguar.

No grupo de acadêmicos de História (noturno) do campus de Santarém destacaram-se três projetos desenvolvido com sensível cuidado por suas equipes, a saber:

- a) “a paternidade na adolescência” um grupo de acadêmicos do gênero masculino

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

encontraram-se com adolescentes do mesmo gênero na escola para refletir sobre as representações produzidas por estes sobre a paternidade na adolescência; b) “a dependência tecnológica” neste estudo os acadêmicos buscaram compreender quais as relações os adolescentes de uma escola de Santarém estabelecem com o mundo virtual e como estas implicam na vida desses sujeitos, e; c) “A temática do suicídio nas escolas: a representação social do suicídio a partir da percepção dos professores” neste estudo os acadêmicos buscaram investigar como professores de três escolas públicas estaduais entendem o fenômeno do suicídio a partir da Teoria Representações Sociais de Moscovici (2003).

No grupo de acadêmicos de Letras (vespertino) do campus de Santarém destacaram-se duas atividades, a saber: a) “A discussão sobre diversidade sexual e de gênero em Escolas de Santarém - Pará” tema desenvolvido com estudantes do ensino médio e teve como objetivo identificar o que estes entendem por diversidade sexual e de gênero e como este tema atravessa suas vidas, e; b) “O uso de drogas no âmbito escolar: investigação acerca da presença de ações voltadas ao tema” este estudo objetivou investigar que ações de educação sobre “drogas” são desenvolvidas no ambiente escolar, e se estas estão previstas no Projeto Político Pedagógico da escola.

Diante das construções viabilizadas no componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem os acadêmicos das três turmas que integraram o estudo pontuaram que consideraram importante as problematizações sobre os temas que não estavam previstos nas ementas e plano de curso do componente curricular Psicologia da Educação e da Aprendizagem.

Assinalaram ainda que a articulação entre os saberes desenvolvidos no componente curricular com a escola permitiu aos acadêmicos novas significações sobre o conteúdo desenvolvido, bem como a tomada de consciência para temas então invisibilizados, mas presentes na escola.

Algumas reflexões sobre o sujeito contemporâneo

Marquetti (2011) discorre sobre algumas características do sujeito que ocupa a temporalidade da pós-modernidade, pessoas imersas numa realidade virtual, que têm cada vez mais valorizado as relações sociais em grupos secundários em detrimento das relações

interpessoais com grupos primários, sujeitos desreferencializados que sofrem importante fragmentação egóica.

Perceber o contexto atual das interações sociais implica em “mergulhos” por “rios” teóricos que apresentem boa capacidade de compreensão do ser humano como ser que está na busca de ser mais e de se fazer humano com os outros, que são sujeitos produto/produtores de história e, por assim dizer promotores de cultura.

Essa compreensão de ser humano supera a compreendida pela psicologia comportamental, em que sucessivas práticas de condicionamento “modelam” o comportamento humano a partir da tríade *S-R-S* em que *S* significa estímulo do ambiente sobre o indivíduo e *R*, seria a resposta - o comportamento do sujeito, diante de determinado estímulo (FONTANA, CRUZ,1997).

Desenvolver uma Psicologia da Educação e da Aprendizagem em cursos de formação de professores no contexto histórico da contemporaneidade/pós-modernidade exige um esforço importante do docente em articular o campo de leituras propostas na ementa do componente curricular com outros textos que consigam, responder a alguns fenômenos que têm permeado a Educação Básica e por que não dizer a sociedade como é o caso do fenômeno do suicídio.

As categorias Freieranas do diálogo, da problematização, da amorosidade tornam-se fundantes para a organização de um território acadêmico que permita a possibilidade e o exercício do pronunciamento da palavra com uma conotação horizontal na relação professor-aluno. Isto implica no pronunciamento das dores, alegrias e sentimentos de ambos no processo educativo. Dizer a palavra, neste contexto, possibilita o ato de perguntar e de pronunciamento de curiosidades não reveladas em outros momentos. Buber (2004) traz consigo a colaboração de relações humanas substantivadas e a problematização das objetivadas. Boff (1999) reflete sobre o exercício do cuidado nas relações sociais.

Marquette (2011) possibilita uma compreensão árida da vivência do humano situado e datado no século XXI, do humano que, em meio ao caos e sofrimentos psíquicos necessitam encontrar o seu lugar, um que seja mais seguro, porém que não o engesse. Que lhe permita entender o limiar do sofrimento e de sua existência, de modo que, consciente de seu estar no mundo consiga “digerir”/“ruminar” o seu sofrimento para que, como

“fênix”, possa garantir sua existência no mundo com os outros humanos com a maior qualidade de vida possível.

A autora (2011) anuncia uma aridez nos seus escritos por compreender que nem sempre o ser humano consegue ter a “boa” capacidade rearranjo psíquico e, assim pode atentar contra o seu sofrimento dando cabo de sua existência. É neste contexto histórico, teórico e metodológico que o estudo da Psicologia da Educação e da Aprendizagem possibilitou a realização de uma pesquisa-ação com acadêmicos da Ufopa, nos anos 2018-2019. Desenvolvendo pesquisa que articulou o campo teórico contemporâneo da Psicologia da Educação com problemáticas presentes no ambiente escolar, assinalados por temas invisibilizados nas ementas e nos planos de curso do referido componente curricular.

Entre os temas problematizados e sistematizados pelos acadêmicos que compõem as três turmas e outros ainda não discutidos o suicídio fora o catalizador das demais problematizações elaboradas pelos acadêmicos.

São alarmantes os dados por morte de suicídio no Brasil que significam a terceira causa de morte entre homens de 15 a 29 anos e a oitava causa de morte entre mulheres na mesma faixa etária (BRASIL, 2017). Considerando-se que Estado do Pará apresenta uma particularidade, pois o fenômeno do suicídio ocorre com muita frequência, mas os dados estatísticos acabam sendo mascarados, pelo baixo índice de notificações encaminhadas ao Ministério da Saúde.

Desse modo, percebeu-se a urgência em dialogar com a sociedade sobre possibilidades mais criativas e saudáveis da existência humana. Assim o encontro problematizou sobre o enfrentamento do suicídio, a partir da realização de diálogos com a comunidade Obidense, a saber: acadêmicos de pedagogia, profissionais da educação, profissionais da saúde, profissionais da assistência e demais pessoas que se interessaram com o tema.

O desenvolvimento deste componente curricular a partir do método da problematização de Freire (2006) permitiu o fortalecimento de ideias de que há alternativas para a existência humana e que o exercício do diálogo, como o proferido por Freire e Faundez (1985), estabelece o encontro amoroso entre os seres humanos, bem como possibilita compreensões em que a sociedade possa buscar nos diversos aparelhos

públicos da saúde, da educação, da assistência, do laser, apoio para sua saúde, bem estar e maior qualidade de vida.

Considerações finais

Entre os resultados da pesquisa identificou-se ampla participação dos acadêmicos com a realização das atividades propostas; percebeu-se a carência em se discutir sobre temas que remetem a sofrimentos psíquicos singulares vividos pelo ser humano que integra a educação básica e a sociedade; identificou-se que o exercício do diálogo, da conversa e da problematização permitem o alívio de dores emocionais, inclusive de alguns participantes da pesquisa; percebeu-se a importância de trazer a comunidade para falar sobre suicídio articulando saúde e educação; identificou-se que o desafio lançado aos estudantes de realizarem uma pesquisa-ação, os mobilizou a estudar e a aprofundar o tema, bem como possibilitou o exercício de trabalhar em equipe; a construção coletiva da pesquisa-ação permitiu a problematização de como estão sendo conduzidas as discussões formativas do componente curricular da Psicologia da Educação e da Aprendizagem, que, em muitas situações, parece pouco articulado com a vivência da comunidade acadêmica que compõem a Educação Básica.

O esforço coletivo dos participantes da pesquisa resulta em novas produções de saberes, que provocado pelo ato da problematização e do diálogo Freireano, o eco de novas possibilidades de ler/compreender o ser humano. O Componente curricular Psicologia da Educação precisa articular temas que tem emergido de forma mais recorrente o contexto das interações sociais contemporâneas/pós-moderna como o caso do suicídio, dos sofrimentos psíquicos que envolvem a automutilação, transtornos alimentares entre outros presente na Educação Básica e no Ensino Superior .

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi (Orgs). **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**. São Paulo: Unesp, 2005.

BRASIL. Suicídio. **Saber, agir e prevenir**. Brasília: MS/SVS, 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso em 10.07.2020.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril**. Brasília: MS/CS, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> . Acesso em 07.07. 2020.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

CARONE, Iracy; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs). **A psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo: Digital Publish & Print Editora, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio como espetáculo da metrópole**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Leituras freireanas sobre a educação**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Cuidados éticos na pesquisa, *in*. MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Apoluceno de (orgs). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: Eduepa, 2010.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar**: introdução crítica. São Paulo: Cortez editora, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2002.

VIGOSTSKI, L. S. **Obras escogidas**. v. IV. Madrid España: Visor, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Recebido: 15/7/2020.

Aceito: 20/7/2020.

Autora

Kássya Christinna Oliveira Rodrigues - Professora mestre no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Desenvolve os componentes curriculares de Psicologia da Educação e Educação Especial. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos – Gpeepi. Integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP/Uepa. Email kassyao@yahoo.com.br